

A MEMÓRIA DA CASA E A MEMÓRIA DOS OUTROS

José Moura Gonçalves Filho*

Há quatro Centros de Juventude (CJ) em Vila Joanisa, pequeno bairro afastado para a periferia sul de São Paulo. Mantiveram os nomes das comunidades a que estão vinculados: São Carlos, São João, São Francisco e Santa Rita. Sem contar sábados e domingos, as crianças são neles recebidas todos os dias da semana, pela manhã ou pela tarde, antes ou depois da escola. Todo dia há almoço e um pequeno lanche: muitas crianças só nestas refeições têm o que comer; outras, bastam-se com isso para que o alimento de casa fique para o resto da família.

A ocupação da Vila Joanisa foi sobretudo conduzida por famílias de migrantes, gente saída das Minas Gerais ou interioranos paulistas. A avenida Yervant Kissajikian, balizada pelas paradas de ônibus, corta todo o bairro até Diadema. Forma um eixo predominantemente comercial, amontoando pequenas lojas, mercado, açougue, padaria e ramificando-se por ruas bastante íngremes. Dois bolsões de barracos vão logo se expor às margens da Yervant. Se prosseguimos pelas ruas à esquerda (rumo à comunidade São João Batista) ou à direita (rumo à comunidade São Francisco), pelo menos mais uma favela vai se impor de cada lado.

O córrego Zavuvus, espesso e insalubre, banha a favela São João depois de receber esgotos, sucata e até móveis estragados. Nos barracos em que uma porta é a única abertura para o vento brando e para o sol, a umidade e a escuridão apodrecem a madeira: uma mesinha de compensado, cadeiras e camas, necessitadas de ar e de

luz, tornam-se logo imprestáveis. As casas de alvenaria são descoloridas ou cruas e estão sempre a dever algum acabamento. São casas pequenas, geralmente térreas, em que podem faltar janelas ou vidros. Casas de 20 metros quadrados (um cômodo) ou casas um pouco maiores e sem divisão de cômodos. Os moradores melhor sucedidos ficam em sobradinhos de dois quartos.

À noite, os trabalhadores se recolhem cedo. As ruas se esvaziam pouco antes das 20hs, prevenindo-se contra assaltos e crimes. Nenhuma reunião pode se adiantar na noite sem o receio de violentas surpresas. O marido de Dona Maria Alves (comunidade São João), um dia saiu tarde de casa, atrás de cigarros: serviu de escudo para rapazes que queriam se proteger de um tiroteio; foi baleado e morto. Os assaltos, em períodos de recessão econômica, não conseguem poupar nem mesmo os espaços mais sagrados: as cozinhas dos CJ já foram várias vezes assaltadas - num dos assaltos, encontramos bilhetes em que os ladrões famintos se desculpavam pelo crime.

No alto Bransley avistava-se uma grande clareira verde. Único ponto onde a natureza afluía frondosa e desviava dos ambientes congestionados. Mas sempre permaneceu como um terreno baldio. Aquela área selvagem ficaria ali sem uso, a serviço da valorização imobiliária. Hoje não a avistamos mais: o terreno foi finalmente tampado por prediozinhos pálidos do estilo COHAB.

Ouçõ Natil, coordenadora do Centro de Juventude São João: "O Centro Esportivo é pra quem pode e o 'Deixa Rolar' [uma

quadra esportiva] tem que pagar pra jogar". Os jogos, as crianças e os seresteiros, amigos e namorados seguem aguardando os dias excepcionais no Ibirapuera ou no Anhangabaú. Enquanto isso, vivem do asfalto mesmo, de uma calçada, de um boteco acolhedor ou do recolhimento nas casas e igrejas.

Há uma praça na Vila Joanisa, uma única pracinha, mas não parece pertencer aos joanisenses. Pequena demais, muito cimentada ou excessivamente coberta por paralelepípedos, sem bancos, sem coreto e sem marquises. Mal convém chamá-la praça: vale como parada de ônibus, em que se faz fila e onde motoristas ou cobradores encontram intervalo rápido entre uma viagem e outra. Pracinha para passar, não para passear. Suas grandes árvores, seis, são apenas toleradas: já não suscitam nenhum círculo de brincadeira ou namoro a sua volta. Ninguém pensa em descansar a sua sombra. Quem passa, tem pressa. Para que valessem como árvores seria necessário que a própria praça valesse como praça.

No bairro, as árvores que restam, como as da pracinha, estão geralmente cercadas pelo cimento. E que lamentável poder possui o cimento, que as sufoca, de também inutilizá-las, não porque viessem a desfalecer sem área por onde espriar-se. Não, as árvores são tantas vezes robustas e várias delas mantêm-se graves mesmo ali onde foram cercadas por matéria dura. Mas é que o cimento vem torná-las inconvenientes. O cimento é lançado por motivos funcionais: regula o limite entre calçada e rua, disciplinando os pedestres - estes, justamente, são tidos como homens em mar-

cha, marcha para o trabalho, marcha para as compras. Na cidade, o excesso de pavimentação, a sobrecarga do concreto, dos asfaltos, é sempre índice de que não se pensa nos cidadãos como seres que se detêm, que se demoram ou sossegam. A terra e as árvores amortecem os passos, re-freiam a correria, ondulam a caminhada, distraem, solicitam do andarilho a observação, podem fazer tropeçar. A grama e a luz, temperadas pelas copas, dão vontade de sentar e até deitar. A lógica dos cimentos contamina o relacionamento com as árvores e com a relva: melhor seria que fossem cortadas e cobertas, para o benefício do tráfego, para a consumação sem transtorno dos ritmos citadinos. A aceleração dos dias contraria as árvores, estes seres de repouso, que apenas balançam. As árvores sobram ali, às vezes nem como enfeites, apenas ali: não pareceria absurdo dar cabo delas - quem se daria pela falta?

A alteração da fisionomia esquelética dependeria de uma viva resistência, informada por um protesto ambientalista muito consciente, o que ainda não é traço sólido na cultura joanicense. Quando esfriam os ambientes, quando a aura se desmancha, se uma reação ecológica não é notável, algum aquecimento é todavia possível: um calor trazido pelos dias de ocupação comunitária do bairro, dias festivos (o carnaval, um comício) em que o morador, poupado das pressões cotidianas - e ainda que não suficientemente atento às árvores - encontra-se outra vez no sentimento de ser gente, em meio a seus irmãos de classe. Nas lembranças de Natil, brilha a recordação dos dias felizes em que a prefeitura, associando-se à gente do bairro, fechou a pracinha para a máquina da cidade, abriu a pracinha para os cidadãos:

O carnaval que teve aqui, no ano passado [1992], nossa! Fui em todos, dançamos até. Aqui na Joanisa! Teve programação pela prefeitura, teve carnaval na rua. Aqui tem uma escola de samba, uma escola de bairro: chama "Pé Grande"! Teve apresentação deles e teve várias escolas. Ih! Cê acha que eu perdi? Naquele tempo, a Penha tinha restaurante em que vendia pastel: lá em cima tinha terraço. Nós subia lá em cima. E estava a Penha, estava a Márcia, estava a Adriana, estava um monte de gente lá, a Luzia. Estava o pes-

soal tudinho dançando. Eles fecharam a pracinha, até bem perto da subida que vai pro México! Fecharam lá e Perpétuo da Glória, fecharam todo aquele pedaço! E tinha gente pra caramba. A Luzia é que estava comandando, o Beto, pessoal do PT. Eu estava no meio de gente como gente. Eu estava - como se diz - no meio de gente como a gente mesmo! Não é que tô discriminando, eu sei que você entendeu: estava no meio do pessoal! Porque a coisa mais bonita que eu acho é a massa, organizada, expressando o que sente. Aquilo... não sei o quê, aquilo me dava assim uma satisfação, porque aquilo tem uma energia, uma força, Nossa Senhora! Então eu ficava assim... extasiada de ver aquilo lá, ver aquelas pessoas. E isso me dá prazer, estar ali no meio. Por isso que não perco: porque quem sabe, quem descobre que tem a força ali no meio, não perde.

O BAIRRO IMPEDIDO

A casa humana recolhe uma coleção de objetos que nos ligam ao passado da família: são retratos, panos, livros, algum adorno, móveis, muitas vezes recebidos dos pais, dos avós, objetos que carregam histórias e fazem com que o morador se enraíze, mais além da natureza, também no mundo dos seus ancestrais, ligando o homem a outros homens que o precederam e que o abrigaram. Estar em casa é estar nos outros, é estar em si mesmo estando nos outros. Ocorre que a mobilidade extrema e insegura das famílias pobres, migrantes ou nômades-urbanas, impede a sedimentação do passado. Os objetos herdados, toda esta coleção de bens biográficos não logra acompanhar a odisséia dos miseráveis. São transferidos, são abandonados ou são vendidos a preços irrisórios. A espoliação econômica manifesta-se ao mesmo tempo como espoliação do passado: *não há memória para aqueles a quem nada pertence.* (Bosi, 1994 e 1981)

A ida aos bairros pobres pode assustar. Tememos o ambiente em que se vive de modo agonístico, ambiente precário em que fica difícil reconhecer os traços da memória, ambiente sem heranças, "bairro-dormitório", "bairro operário". Faltam a casa própria e a natureza, faltam a propriedade e a terra livre. Um bairro pobre é o

bairro para onde foi carreada uma multidão de despossuídos, vítimas da expropriação que se abateu sobre seus avós roceiros, sobre os avós negros, os avós mulattos, os avós caboclos. Nas cidades, a espoliação prossegue seu curso, desta vez não tanto destruindo como tolhendo novas construções, retendo-as num estado de inanição, inanição por privação de bens mundanos.

A visão dos ambientes indigentes parece, às vezes, ainda mais impiedosa do que a visão de ambientes arruinados: não são ambientes que o tempo veio corroer ou as guerras vieram abalar, são ambientes que mal puderam nascer para o tempo e para a história.

A Vila Joanisa não é feita de ruínas. Ocorre que ali o trabalho humano sobre a natureza e sobre a cidade parece interceptado. No bairro pobre, as linhas e as formas estão incompletas, não puderam se perfazer. Os meios sobre os quais o homem investe o seu poder de fabricação foram perdidos ou nunca foram alcançados: o resultado destas carências e frustrações é que os poderes mesmos da fabricação humana foram perdidos ou nunca são alcançados - a inventividade gasta-se no ar, sem suporte, quase neutralizada. Faltam os instrumentos, faltam os materiais que suportariam o trabalho humano para a configuração de um bairro.

A montagem de novas formas de vida fica emperrada. Para a carpintaria, pode faltar madeira ou formão, um martelo, um alicate. A alvenaria é sempre adiada, interminável: a compra de tijolos, areia, massa e uma janela, às vezes consumiria o salário de mais de cinco meses e a Vila Joanisa ainda não conhece, para isso, a solução dos mutirões. A cozinheira, quando não está simplesmente sem comida, resente-se da falta de panelas ou condimentos. A educação das crianças resente-se da falta de cadernos e livros. O bordado e o crochê ressentem-se da pouca linha, da falta de novelos e agulhas com gancho. Nos CJ, já vi gente pelejando tricotar com corda fina e barbante. Como pensar no amanhã de uma pequena horta se, quando não falta quintal, faltam as sementes e o adubo? No trecho São Jorge, a terra que se prestaria para um canteiro comunitário é a terra loteada e proibida ou é terra raspada,

esterelizada, sem húmus (um projeto de rua, largado). As rodas do samba ou os forrós contentam-se às vezes com um só pandeiro - podem terminar muito cedo por causa da vitrolinha que ninguém conseguia escutar. As procissões vão sem velas e nas festas do padroeiro pode faltar a imagem do santo.

UMA CASA NA NATUREZA

A atenção primária, na Vila Joanisa, pareceria voltada para a casa e para o corpo. As lutas do bairro, quando não tratam de questões de saúde, incidem sobre cuidados em torno da casa: acabamento, recomposição, uma rua que precisasse de saneamento. Um limite para a consciência ecológica pode ser notável entre os moradores da Vila Joanisa que tantas vezes testemunharam passivos a destruição dos espaços naturais, quando não se empenharam mais ou menos inconscientemente na sua redução. No bairro, mais de uma vez assisti à organização de núcleos e caravanas que se empenharam na luta por água encanada, eletricidade e esgotos. Mas até onde posso testemunhar, nenhuma *defesa* de áreas verdes. Vejamos.

O migrante, saído de áreas rurais, quando alcança a periferia das cidades industriais, se não contar com dinheiro bastante, com a generosidade de algum morador ou de algum grupo filantrópico, arriscará passar muitas noites na rua. Para viver sem aluguel ou para dispor de um aluguel barato, deverá geralmente se contentar com um casebre ou um barraco. Se ocupar um lote clandestino, a polícia mais cedo ou mais tarde virá despejá-lo. Se afortunadamente torna-se herdeiro ou comprador de um pequeno terreno, terá agora de haver-se com as severas dificuldades para a construção de boa casa.

A falta ou a precariedade da casa vai expô-lo à ação mais desagregadora da natureza: o frio ou o sol, as chuvas e os ventos - a natureza, enfim, torna-se aquilo de que se deve proteger, nunca aquilo que apenas a casa sólida permitiria usufruir. Como contemplar a chuva ou até enfiar-se nela, indo depois temperar-se nos banhos quentes e nas toalhas, se chega a chover dentro de casa e faltam até os panos de prato? Não há fontes ou bicas potáveis na Vila Joanisa. Nem rio ou piscinas. A água

encanada é frequentemente incerta nas torneiras da periferia. Como experimentaríamos a água como um dom da natureza? Nos bairros suburbanos, não estamos sobretudo obrigados a considerá-la como uma mercadoria cara e intermitente que se deve racionar?

A pobreza talvez não alcance desfazer, no migrante, a amizade pela natureza, mas parece concentrar sua atenção, seu esforço e alegria na construção e aperfeiçoamento da casa mais do que na defesa dos parques. A casa, entretanto, pode não apenas recolher os homens, mas apoiar sua disposição para fora. Resistindo contra a violência natural - no caso de prestar-se a tal resistência - garante a visão alegre da natureza. Os sentimentos ecológicos encontram na casa um mediador privilegiado.

Quando entre mulheres pobres, pelo menos uma vez, finalmente assisti à recordação da natureza, a figura da casa não tardou insinuar-se. Numa conversa com as mulheres do CJ Guacuri, a certa altura, propus que buscassem uma lembrança antiga, muito marcante. Veio então a vez de Irene, emigrante da periferia de Fortaleza. Foi em quem floresceu, claramente, a emoção ecológica. Lembrou o horizonte. O grupo estranhou: "o horizonte?", "Irene tá doida!". Interrompendo as risadas, emendou a cearense:

Ah, gente! Nunca mais abri uma janela onde o olhar vai embora! O céu, o sol descendo, vermelho, noite de lua e estrela, tudo de bom pra olhar. A gente se perdia em pensamento. São Paulo, credo! Você abre a janela e já dá com a cara na parede. Quem passa, nem cumprimenta!

Natureza, janela, visão, felicidade, pensamento, tudo se reunindo. E note-se como a casa fez sua discreta aparição na contemplação e memória da natureza: é de uma janela que Irene espiava o horizonte.

Os imigrantes - cujo liame ancestral encontra o passado rural - conhecem, como nenhuma outra classe, a solidariedade entre os seres do mundo, naturais e humanos, selvagens e culturais. Nos descendentes emigrados, entretanto, pode insistir - até quando? - a lembrança de um mundo onde o homem era atraído, como em nenhum outro, pela natureza e pelo vizinho (Bosi, 1981). Esta atração foi interrompi-

da pela organização capitalista da cidade: trabalhadores isolados; cidadãos isolados; casas isoladas, sem horizontes; praças isoladas, sem companheiros.

UMA CASA NOS OUTROS

As lembranças da construção da casa carregam sempre o momento em que encontram os outros homens: falar da casa faz falar da casa nos outros. Façamos uma experiência: acompanhemos lembranças de Dona Léia. Veio de Nova Lima, cidadezinha mineira, bem vizinha a Belo Horizonte. Casou-se com Joanes, noalimense, empregado como operário em São Paulo. O trabalho distante havia afastado os noivos. Logo que casou, decidiu acompanhar o marido. Em São Paulo, Joanes morava como agregado, em Vila Isa. Sete anos depois, mudaram-se para a Vila Joanisa, quando puderam comprar uma casa. Léia foi fundadora, monitora e coordenadora do CJ São Francisco. Viveu em São Paulo durante quase 20 anos. Hoje, mora outra vez em Nova Lima, onde concedeu esta entrevista:

A Vila Joanisa, a primeira vez que eu vi, foi quando eu fui procurar uma casa pra morar. E tava procurando na Vila Joanisa e encontrei a igreja da Vila Joanisa: Santa Rita. Aí me explicaram que pouco abaixo tinha uma imobiliária. Chegando na imobiliária, foi muito curioso. Quando chegou lá, tinha casa pra alugar mas não estava no nosso alcance. Nós saímos de lá meio desanimado. E tinha um senhor lá. Esse senhor acompanhou a gente mais uns passos e falou: "Eu tenho uma casa pra vender no Jardim São Jorge, vocês não gostariam de ir lá olhar?"

Aí nós fomos. Ele ainda levou a gente por uns caminhos muito perigoso - a Vila Joanisa naquele tempo era muito esquisita. Tinha assim muita trilha, muito... Não tinha rua direito, passei em cima de uma lixaída danada. Quando vi a casa, eu gostei do lugar. Meu marido falou que eu era estranha - que tinha me levado em casas muito melhor. Aí na Vila Joanisa mesmo, eu tinha olhado uma na Fanfula. Não gostei. E aquela, onde tava no lugar mais feio, foi que eu gostei. E dali nós já fizemos negócio.

[Que foi que você gostou?]

Da casa? Eu achei que o lugar.. O

lugar tava... Sei lá - bateu, assim ni mim, que o lugar era muito... que ia crescer! E é um lugar que se identificava um pouco comigo. O bairro não era bonito, as casas era feias. Por sinal, tinha poucas casas boa. Mas eu vendo aquela população muito miúda, do outro lado lá no São Carlos, aqueles barraquinho tudo, eu senti que ali dava pra crescer! E meu marido meio amedrontado - ficou receoso da gente ir pra lá. Mas eu falei com ele: "foi aqui que eu gostei". Eu me lembro que ele ainda falou com o dono da casa: "É. Quem vai ficar em casa é ela. Eu vou sair, vou chegar só à noite." E achei que era lá que nós deveria de ir. Ia sobrar um dinheirinho - nós íamos comprar casa e ainda ia sobrar um pouco de dinheiro pra gente. E eu como sempre pensei - nunca pensei assim grande coisa - achei que pra mim tava ótimo aquilo ali.

[O lugar era aquele que eu conheci?] É aquele que você conheceu. Só que não era daquele jeito. Você chegou de me conhecer num quarto e cozinha? Não, né? É... fui pra lá num quarto e cozinha! Sem acabar. Só tinha as parede em pé. Piso grosso. Aos poucos é que a gente foi fazendo, até fazer a minha casa. Dali encontrei vários amigos. Eu ia pra lá - pra limpar - e já fazia amizade com as vizinhança. E cheguei. E gostei. Lá fiquei. Durante dez anos.

[A Vila Joanisa se modificou nestes dez anos?]

Nossa, muito! Logo que eu cheguei na Vila Joanisa, num dia de domingo - foi mês de outubro - houve uma multidão do outro lado: assim um povo junto. Aí eu fiquei curiosa com aquilo. Porque nos primeiros dias que eu tinha chegado foi muito terror, teve muita morte, mataram muitas pessoas. Meu marido quis me tirar de lá porque na primeira semana, num dia só, matou um num lugar, outro noutro, outro noutro. Então a gente ficou meio aterrorizada. Aí um dia, um domingo, vi do outro lado cheio de gente - achava que tinha acontecido alguma coisa. Perguntei uma vizinha, ela falou: "Não, ali é uma igreja".

E aquilo me deixou muito curiosa. Porque não era uma igreja, era um barraco de tábuas. E me deu vontade de ir nessa igreja. Fui. À missa. Gostei muito. Achei

a missa assim muito estranha. Porque quando eu cheguei lá, o povo tudo humilde - que eu senti que eles era humilde - e a mulher de Seu Malaquias gritou lá de trás: "Eu quero que celebre a missa pra fulano". Achei aquilo gozado. [Pausa. Um sorriso demorado] Porque eu tava vindo de uma igreja mais tradicional, onde a gente tinha que ir impecável! Ali não, todo mundo à vontade, de chinelo. E eu fiquei curiosa com aquilo.

O padre era um padre muito bacana. Ele percebeu que a gente era de fora. Perguntou. Eu expliquei. Ele me convidou: que tinha um clube de mães, se eu não queria participar, que era nas quinta-feira. Aí eu empolguei, dali eu fui e daí eu vi o bairro crescer. Porque começou a igreja, começou - passou pra um salão. Depois do salão foi aumentando, passou pra uma Igreja e a população ao redor dela também cresceu. Foi onde saiu casas melhores. Tinha muito barraco, mas também tinha muita casa boa. A rua que eu morava também tinha poucas família, mas foi chegando um, foi chegando outro e foi crescendo e... a Vila Joanisa como um todo... cresceu! [Quando Léia fala em Vila Joanisa, refere-se mais particularmente às regiões de São Jorge e São Carlos, em torno de sua casa.]

[Aquele padre quem era?]

Padre Maurílio. Era o Maurílio. Cheguei com padre Maurílio. E ele parece que simpatizou comigo naquele momento, ele me convidou, eu também atendi. Já existia o Clube de Mãe - tinha alguns dias que eu tinha chegado lá e o Maurílio me chamou, eu empolguei, fui. Na quinta-feira que ele falou pra mim ir eu fui. Gostei. Achei que era gratificante. Fiz inúmeras amizade. Quem coordenava o trabalho era Dona Maria Reis. Você não conheceu não, né? Uma pessoa maravilhosa. E a gente se entrosou mesmo e dali eu não saí mais.

Logo depois - eu tinha uma menina pequena - ela foi criada lá dentro, me ajudando. Eu levava ela pra me ajudar nesse trabalho. Cássia. E ali eu fiquei. Surgiu o trabalho da gente. A gente trabalhava com as mães. Eu ensinava costura, eu ensinava assim o que eu sabia e aprendia também outras coisas com quem sabia uma coisa diferente. As mães, pra aprender a costurar, levavam muitas criança - daí surgiu a

idéia da gente fazer um trabalho separado pras criança. Então, em vez de eu dar um dia de ajuda pras mães, a gente dava dois - e ia um dia com as mães, outro dia a gente ia com as criança.

[A tua casa era em São Jorge?]

São Jorge.

E na minha casa... era muito curiosa. Eu sempre fui muito curiosa. Meu marido saía pra trabalhar - e ele trabalhava quinze dias de dia e quinze à noite. Então quinze dias eu ficava sozinha à noite. E de noite era um tiroteio danado. Na minha casa tinha um vitrô, no alto, que era só vidro - não era veneziana não. E tinha um vidro quebrado. Eu subia em cima do armário de cozinha, quando dava tiro, pra mim ver o que tava acontecendo do outro lado. Por isso eu vi muita coisa triste que eu não precisava ter visto. E... Mas passou, né?

[Você se lembra de alguma coisa?]

O dia que mataram um rapaz pra baixo da igreja - numa construção que tavam fazendo a umas cinco casas abaixo da igreja. Na hora dos tiro eu subi. Eu consegui ver o vulto da pessoa correndo, a pessoa que atirou - não identificava, mas conseguia ver o vulto, via a correria do pessoal. Eu não me recordo como é que o rapaz chamava. Eu ficava com aquilo sempre na minha cabeça. Qualquer barulhinho que dava, eu corria. Eu vi entrar em muitas casas, devido à minha curiosidade. Devido à curiosidade, eu vi entrar na casa do vizinho, participei de muita coisa triste. Só não podia falar nada, tive que ficar quieta - porque senão eu podia morrer - e chateada. Mas ao mesmo tempo eu pensava: isso é normal, um dia isso vai acabar, mas não acabou não.

[Você lembra algo mais sobre as primeiras semanas na Vila Joanisa?]

Na Vila Isa, lá eu participava no Campo Grande, com o padre Getúlio: uma igreja assim mais tradicional, mais de o povo ir muito arrumado arrear as pessoas que tava bem vestida, que não tava - era mais um desfile de moda. Não foi tão diferente. Agora, a do São Francisco sim, essa eu achei diferente: a humildade, já só de não ser uma igreja mas uma casinha de madeira, madeira toda remendada, caindo aos pedaço. E achei o padre assim muito humilde, muito comunicativo: porque ele celebrava a missa, ao mes-

mo tempo ele conversava com as pessoas. A pessoa tinha espaço de pedir na hora da missa o que ela quisesse, como a Nalva pediu: eu achei aquilo fantástico, eu nunca tinha visto em lugar nenhum - foi minha primeira experiência.

[Léia, você lembra também sua chegada a São Paulo, em Vila Isa?]

Na Vila Isa eu vivi sete anos. É. Sete anos. E lá eu fiz também muita amizade - que eu sempre tive facilidade. Eu casei. No dia que eu casei, fui direto pra Vila Isa. Foi muito importante o dia que eu cheguei na Vila Isa. A mulher que eu fui morar na casa dela veio me conhecer antes [em Nova Lima] - é que Joanes me elogiava, falava muito, aí ela veio. Chegou lá, ficou muito preocupada dele me levar pra casa dela: era um quarto e cozinha - a vida em São Paulo era um quarto-e-cozinha mesmo! E ela tinha vindo, conhecendo a casa da minha mãe que era uma casa boa. Ela falava com ele que era loucura dele me levar pra lá. Mas ele falou que sabia o que tava levando e levou.

E foi muito bom, lá eu fui muito feliz. Ela foi uma ótima amiga que eu tive. Me ajudou muito. Eu me lembro - me lembro até hoje! - de quando eu tava grávida. Ela era nortista, gostava de fazer "capitão" - amassar feijão no arroz com a mão. Ela tinha que fazer capitão pra mim comer, porque eu não queria comer outra coisa a não ser aquilo! Ela amassava, misturava arroz, feijão, farinha e fazia aquelas booola! E me dava pá comer! [Rindo:] E eu ficava assim feliz. Era muito querida deles. Ela tinha muitos filhos, tudo mundo me tratava muito bem. Eu me lembro de um dia que Joanes - ele não comprou fogão quando nós casamos, porque dinheiro... Ele comprou tudo, mas fogão ele não comprou. Tinha um fogão dele, que ele já usava. O fogão tava velho. Eu fui lavar a cozinha - não lembro se fui lavar a cozinha ou se choveu, entrou água - eu sei que eu tava puxando a água, escorreguei, enfiei debaixo do fogão, cortei a perna: e foi sangue, a cozinha ficou toda vermelha! Ele apertado, eu chorando, e foi ela que me deu muita força, que ajudou muito a gente. Ela chama Dona Lúcia. Uma pessoa que eu gosto muito.

[Vocês moravam na casa...] No fundo da casa dela. Ela morava na frente e eu

no fundo. No dia que eu cheguei, eu passei vergonha, porque ela tem muita moça, muito rapaz, eles fizeram muita brincadeira. Eu saí de Nova Lima, não tava preparada pra isso, né? Era muito tímida, muito... muito eu, né? E cheguei lá, eles cheio de história, de brincadeira, o primo dele. E eu queria cair no chão de vergonha. Mas... passou. Foi gostoso. Agora eu lembro, quando eu lembro me dá saudade.

Depois de lá eu mudei para uma outra rua, quase na esquina, porque ela precisou da casa pro filho casar. Aí eu tive que sair pra dar um lugar pro filho. Fui pra casa do João, que foi outra pessoa maravilhosa, que nos ajudou demais e... Só que lá eu tive muito problema - que a cunhada dele morava no mesmo quintal, aí a gente desentendia um pouco. Mas... superamos, passou. Fiquei acho que três, três anos lá. Aí ele ia precisar casar, ir precisar da casa também, saímos nós de novo...

... e fui morar na casa dum português. Essa sim. Essa foi mãe de verdade. Nós entramos pagando um aluguel e com o mesmo aluguel que a gente entrou, a gente saiu. Ela já nem queria cobrar mais. A gente passou a ser um filho deles, né? Mas ela tinha suas vantagem e as desvantagem. Ela não gostava de criança. Eu costurava - eu não podia receber meus amigos. Ela era muito exigente.

Tava só com Vladimir [o primeiro filho]. E ganhei a Cássia lá. Mas logo que eu ganhei a Cássia, nós saímos. Ficou pouco espaço, a gente saiu. Ela tinha carinho por eles, mas não dava liberdade. O Vladimir não podia brincar com um colega - ela não deixava. Até mesmo meus parente tava difícil pra mim receber. Então Joanes se chateou, porque chegava e me achava chorando, sempre chorando. Aí ele resolveu fazer um acordo na firma, para comprar casa e foi onde a gente comprou a do São Jorge.

Dona Maria [a senhora portuguesa] era casada com Sô Félix. Eles não tinham filhos, né? A gente fazia muita festinha junto. Era gostoso o ambiente da gente. A única coisa que eu sentia era do menino não ter liberdade de brincar nem no terreiro - ele não podia pôr a mão na parede, não podia sujar... Eu brincava no chão com ele, para enterter ele. Porque eu não podia deixar outras criança brincar. Eu

me lembro que eu costurava muito para a família da cantora Simone - mãe dela, as cunhada. Então eles ia lá pra casa - esse pessoal que gosta de ficar à vontade e tudo. E eu tinha que ficar fechada lá dentro com eles. E a Vanilza falava comigo assim: "Léia, eu tenho inveja de te ver você assim, porque eu não tenho paciência de brincar com os meus filhos como você tem de brincar com o seu" - porque chegava lá e me achava no chão brincando. Mas não era por paciência, era por necessidade: eu não podia privar ele da infância e não podia também deixar ele sair pra rua brincar, pôr um coleguinha pra brincar com ele.

Então isso foi a única coisa que me chateou na casa. Mas até hoje vou lá, visito, fui agora passear, fui lá. Ele tá sozinho - que ela morreu. E ele sempre fala que: inquilino que ele teve foi a gente, ele nunca teve um outro que fosse como a gente! Mas eu tive que engolir muita coisa pra poder passar. Ela chegava do serviço - ela trabalhava - ela buscava ele pra tomar chá com ela. Só que era cheio de etiqueta, cheio de coisinha, mas ele aceitava tudo - é que gostava muito dela. Mas a família foi crescendo e eu sabia que não ia poder mais segurar as pontas. A Vila Joanisa sim: eu tive maaais liberdade.

Nova Lima é cidadezinha formada em torno dos negócios de Morro Velho - uma mina de ouro cuja exploração atraiu capitalistas, engenheiros e mineiros. A cidadezinha conheceu, na distribuição dos bairros, a mesma hierarquia que vinga no interior da mineradora: as famílias de mineiros concentram-se na parte baixa da cidade; as famílias de engenheiros e patrões nas partes média e alta. Uma cidade talvez em atraso quanto à modernidade dos grandes centros, mas perfeitamente em dia quanto às separações do território. Dona Léia nasceu no bairro baixo, filha de um dos cozinheiros de Morro Velho, já falecido e que diziam contar com a inteira confiança dos patrões ingleses - o pai de Léia era o homem escolhido, em fins de semana, para acompanhar a "caça às antas" (a região, naturalmente, não possui "raposas"). Cabia ao cozinheiro a limpeza e o trato da carne abatida. Léia comenta que os miúdos de anta, com que seu pai era recompensado, eram bastante saborosos -

supõe que o lombo fosse melhor, nunca comeu: como a empresa e a cidade, também as refeições conhecem o prato dos pobres e o prato dos ricos.

Foi entre as casas e ruas mais simples de Nova Lima que a menina e a jovem cresceram, foi em meio a um bairro pobre que se formou sua comunicação com o mundo, foi ali que conheceu Joanes. É sob este prisma que se deve buscar alguma compreensão para a curiosa ou estranha preferência de Léia, então na Vila Joanisa, pelo lugar da primeira casa própria paulistana:

Sei lá - bateu, assim ni mim, que o lugar era muito... que ia crescer! É um lugar que se identificava um pouco comigo. O bairro não era bonito, as casas eram feias. Por sinal, tinha poucas casas boas. Mas eu vendo aquela população muito miúda, do outro lado lá no São Carlos, aqueles barraquinho tudo, eu senti que ali dava pra crescer! (...) E achei que era lá que nós deveria de ir.

Léia alega motivos também orçamentários (boas casas estavam fora de alcance e uma modesta ainda lhes reservaria algum dinheiro). Todavia, destaca-se o motivo profundo: o lugar “mais feio” foi que “gostou” e fazia sentir “crescimento”. No trecho de fisionomia noalimense, quando se restabelece o sentimento de hospitalidade na cidade expulsiva, é que Léia experimenta a possibilidade de crescer.

Deveríamos suspender qualquer suposição muito mórbida sobre a escolha de Dona Léia. A migrante dá sinais inegáveis de que é coisa dura e humilhante viver de “quarto-e-cozinha”. A frase “minha casa” é reservada para a casa que finalmente construíram, a casa que “cresceu”. Conheci esta casa: dois quartos, uma sala, cozinha, dois banheiros e um quintal (onde se fazia churrasco de lombo!).

Quando Léia estava de mudança para São Paulo, Dona Lúcia advertia o marido sobre a loucura de levar a esposa: “mas ele falou que sabia o que tava levando e levou”. São Paulo forma e estigmatiza “moradores de quarto-e-cozinha”. Mas Joanes estava preparado, sabia que a esposa valia mais, não a confundia com as medidas de um casebre e de um fogão enferrujado.

A idéia de “crescimento” vai logo aplicar-se à comunidade São Francisco, onde

também encontrou hospitalidade entre alguns paulistanos - assombrada pela visão e barulho dos que “matam” ou oprimida pela arrogância dos que “desfilam impecáveis, 'arreparando' os bem e os mal vestidos”, a migrante finalmente encontrou “casa” em homens e mulheres humildes. Vem a narrativa de sua empolgação com a “igreja que não era uma igreja, era um barraco de tábuas”, em que se podia “entrar de chinelo e falar à vontade”. Neste ponto, é comovente ouvi-la passar para a descrição, algo exagerada, do crescimento irresistível de toda a Vila Joanisa! O trecho é disparado logo depois de acrescentar a aproximação de um homem, Maurílio - “um padre que conversava com as pessoas” e aproximou-se para recebê-los:

Ele percebeu que a gente era de fora. Perguntou. Eu expliquei. Ele me convidou: que tinha um clube de mães, se eu não queria participar, que era nas quinta-feira. Aí eu empolguei, dali eu fui e daí eu vi o bairro crescer. Porque começou a igreja, começou - passou pra um salão. Depois do salão foi aumentando, passou pra uma Igreja e a população ao redor dela também cresceu. Foi onde saiu casas melhores. Tinha muito barraco, mas também tinha muita casa boa. A rua que eu morava também tinha poucas famílias, mas foi chegando um, foi chegando outro e foi crescendo e... a Vila Joanisa como um todo... cresceu!

Os homens começam nos homens. Parece haver dúvida?

Os homens também se interrompem nos homens. Mais adiante, vem a “noite de tiroteio danado”: “vi muita coisa triste que não precisava ter visto”, “mataram um rapaz pra debaixo da igreja - numa construção que tavam fazendo”, “não identificava a pessoa que atirou mas conseguia ver o vulto, via a correria do pessoal”, “eu não me recordo como é que o rapaz chamava”, “vi entrar na casa do vizinho”, “não podia falar nada, tive que ficar quieta porque senão eu podia morrer”, “pensava: isso vai acabar, mas não acabou não”. A violência, traumática, obsedia: “aquilo sempre na minha cabeça”. A violência alarma, cancela os nomes, invade as construções e o vizinho, emudece, mata. Mata a vítima. Mata o matador: vira “vulto” um “elemento”, diz a polícia.

A violência, ilimitada e destrutiva, anônima, não admite resistência, violência sem fim. Faz ver coisas tristes e enigmáticas: chateia, fere, assombra e, nesta medida, seduz, despertando a curiosidade compulsiva - a necessidade de ver: “qualquer barulhinho que dava” e a mulher corria; “quando dava tiro, corria para cima do armário de cozinha, pra ver o que tava acontecendo do outro lado”. Violência. A atração que desperta representa também o esforço por vigiá-la e controlá-la. Voltamos à área dos crimes e dos traumas, impulsivamente, a fim de metabolizá-los, a fim de vencermos o impulso. A necessidade de ver, angustiante, é o esforço para conter impulsos sem nome, é o pedido de nomes, pedido de significado - enquanto não vem a palavra, o homem é paralisado ou responde com violência à violência.

A violência, sempre sem palavras, dessignificada, pede palavras - quando a palavra não é possível, pede a visão, a necessidade de ver e de ver, sem que a visão possa decifrar coisa alguma. Apenas a palavra pode orientar na violência. Mas o exercício da palavra, seu desdobramento, só é possível fora de toda violência. A violência e a palavra, lembra Hannah Arendt, excluem-se mutuamente. A violência interrompe a cidade, área dos falantes, interrompe a cidadania, área dos dialogantes. A cidadania interrompe a violência.

O marido no turno da noite; a mulher em casa, sozinha. Vinham os tiros ou os barulhinhos intrusivos. Sem poder dizer nada, espiava. *Eu sempre fui muito curiosa.* Mas a “curiosidade” conheceu também outras fontes e outros destinos - formou-se por exemplo quando viu gente aglomerada na igreja que não parecia igreja: *fiquei curiosa com aquilo.* A multidão que parecia em torno de um crime, era igreja. A igreja era um barraco de tábuas. Seus fiéis não eram gente impecável, vestiam chinelo e opinavam. A curiosidade despertada pela reunião e participação dos pobres. Eis aí experiência estranha e surpreendente, absorvente como a violência, mas não traumática como a violência. O acolhimento do homem humilhado por um “povo tudo humilde”: experiência estranha mas que não é sinistra (ou será sinistra e traumática para quem encontre razões, privilégios e segurança na desigualdade e no

comando de subalternos?). Para Dona Léia, experiência inter-humana "empolgante", apontada como a base de todo crescimento. Léia insiste no poder que vem da alegre experiência comunitária. Insiste e exagera. Mas a comunidade, de fato, animou construções e lutas no bairro, em que a forasteira noalimense se empenhou vivamente. Com a convivência é que vem o ânimo para as fabricações culturais, para a construção da casa e do bairro.

Eis como Dona Léia caracterizou uma igreja tradicional: como um "desfile de moda", todos se medindo pelas aparências. "Eu tava vindo de uma igreja mais tradicional, onde a gente tinha que ir *impecável*". Curiosa palavra. *Ambígua. Impecável*: muito bem vestido, o grande alinhamento, sem falha ou defeito, perfeito, feito com toda correção - mas também o que é sem pecado, o que não é sujeito a pecar, o imaculado e o imaculável. A igreja tradicional mede externamente e bloqueia a humanidade dos homens. A igreja dos pobres - "uma casinha de madeira, madeira toda remendada, caindo aos pedaço" - é igreja que não parece uma igreja: tal como o homem humilhado, que não parece homem. O humilhado, como um barraco caindo aos pedaços, surpreende: não ostenta sua humanidade; sua aparência chega a contradizê-lo e, no entanto - aí reside seu impacto sobre outros homens, sobre nós - sua humanidade manifesta-se através de sinais mínimos, agonísticos mas essenciais:

A (igreja) do São Francisco sim, essa eu achei diferente: a humildade, já só de não ser uma igreja mas uma casinha de madeira, madeira toda remendada, caindo aos pedaço. E achei o padre assim muito humilde, muito comunicativo: porque ele celebrava a missa, ao mesmo tempo ele conversava com as pessoas. A pessoa tinha espaço de pedir na hora da missa o que ela quisesse, como a Nalva pediu: eu achei aquilo fantástico, eu nunca tinha visto em lugar nenhum - foi minha primeira experiência.

A igreja tradicional concentra as pessoas em impecáveis aparências, vigilantes e mudas. A igreja dos pobres abre um espaço de aparição. As aparências da igreja impecável impedem a aparição: não criam um espaço público, de iniciativas e pala-

vas variadas, mas um espaço de uniformização e, portanto, de exclusão.

O humilde - é o que indica o depoimento - suporta o humilhado: aproxima-se, conversa. O humilde, despojado, suporta o despojamento, a desfiguração do humilhado e dirige-se a ele porque experimenta-se a ele ligado como a uma pessoa. Neste sentido é que Dona Léia nos faria compreender a idéia religiosa de que a humilhação, tem na humildade alguma redenção: não tanto porque na humildade houvesse sublimação da humilhação, mas porque na humildade o humilhado faz a experiência inesperada de sua aparição. Desde então, quer aparecer outra vez e queremos que apareça, nós todos juntos condenando a humilhação dos homens pelos homens.

O VIZINHO E O COMPANHEIRO

O vizinho, para Dona Léia, não é simplesmente quem mora ao lado:

Dali encontrei vários amigos. Eu ia pra lá (sua casa, em São Jorge) - pra limpar - e já fazia amizade com as vizinhança.

O valor do "vizinho" ou do "companheiro" na cultura popular não é traço meramente peculiar e que se chegaria ao cúmulo de considerar apenas pitoresco. É índice de que a casa não começa e termina na casa. Fazer vizinhança é um elemento empenhado na construção da moradia. Quando estive em Nova Lima, o convite de um vizinho - para o aniversário do filho - era irrecusável. Quando disse que - como não o conhecia - eu não iria, ninguém entendeu. Tive que ir. E a visita a uma parente de Léia, na mesma noite, precisava supor ao menos uma passadinha pela casa de todos os demais! Sem dúvida, pode haver algo de muito rígido nestes costumes - nossas dívidas para com os outros sendo a todo tempo lembradas. Mas não reconheceria nisso o descaso pela privacidade ou, mais radicalmente, pela liberdade.

Léia faz breve alusão a conflitos no terreno de João, seu segundo hospedeiro em São Paulo - "a cunhada dele morava no mesmo quintal, aí a gente desentendia um pouco". Viver perto demais pode agravar o caráter intrusivo ou coartante da convivência: os amontoados, brigam - ou sufocam. Os imigrantes agregados ou inquilinos conhecem bem este congestionamen-

to. Às vezes, é a família toda dentro de um único cômodo, na casa do proprietário. Noutras vezes, vão para as casas minúsculas, todas num mesmo quintal. Foi a falta de liberdade o que desgostou Dona Léia, inquilina na casa de Dona Maria. Uma falta de liberdade que era mais do que falta de privacidade: liberdade para as sujeiras e brincadeiras das crianças, com os coleguinhas; liberdade para a visita dos amigos adultos e de parentes. O marido chegava e se chateava: encontrava a mulher chorando, sempre chorando. A família crescendo. Era hora urgente de uma casa própria, quarto-e-cozinha que fosse, mas um casebre mais aberto, mais tolerante e não "cheio de etiqueta, cheio de coisinha".

De qualquer modo, em Dona Léia não falta apreço por aqueles que primeiro viabilizaram sua residência em São Paulo: Dona Lúcia, "ótima amiga"; João, "pessoa maravilhosa"; Dona Maria, "mãe de verdade". Hospedeiros todos pobres.

A imigrante grávida só sabia alimentar-se de "capitão": a comida que vinha pelo condimento das mãos, mãos de Dona Lúcia - a nortista, que vai também acudir a ensanguentada e cuja família desinibiu a noalimense. De Dona Maria, os forasteiros foram os "filhos" - a "mãe" já nem mais queria cobrar aluguel. São lembranças cheias de agradecimento por quem deu a mão, carinhosamente, na hora das privações, das necessidades e dos acidentes. Gente que cuidou dela e dos seus.

Mas há lembranças de outra gente: Maurílio, Nalva, Maria Reis, as mulheres do Clube de Mães. Neste caso, a memória parece incidir sobre outra modalidade de acolhimento. Um acolhimento que não apenas protege mas faz "crescer". A lembrança dos que cuidaram dela - seus primeiros parceiros em São Paulo - só vem depois da lembrança dos que contaram com os cuidados dela própria - seus últimos parceiros, mas os primeiros lembrados, companheiros decisivos. Decisivos em que sentido?

A lembrança destes conta não por um caráter maternal ou filial. São lembranças de relações não-complementares, em que é notável a memória de reciprocidade e de iniciativas:

Ele me convidou: que tinha um clube de mães, se eu não queria participar, que

era nas quinta-feira. *Aí eu empolguei, dali eu fui e daí eu vi o bairro crescer.*

(...) ele me convidou, eu também atendi. E a gente se entrosou mesmo e dali eu não saí mais. (referindo-se a Dona Maria Reis) (...) eu ensinava assim o que eu sabia e aprendia também outras coisas com quem sabia uma coisa diferente.

São Pessoas encaixadas não por lhe terem servido mas por lhe terem solicitado e recebido os seus próprios serviços. A gratidão é pelo que se recebe: e o que se recebe, especialmente, é a oportunidade de ofertar também. Tudo caminha, finalmente, para a radicalização da receptividade, para um receber sem objeto: receber do outro não uma coisa, mas sobretudo a chance de recebê-lo também. São relações onde se fica porque delas se sai de si para os outros.

A acolhida intersubjetiva, a acolhida dos dons, a acolhida mútua dos doadores - doadores de coisas e, finalmente, doadores de si mesmos - faz o sentimento de habitação. Onde há sentimento de habitação, aí queremos a nossa casa.

A generosidade dos outros é inesquecível. Vem como o cuidado que nos foi dedicado em situações de penúria. Vem finalmente como consentimento de nossa própria generosidade - é quando a generosidade dos outros consiste num apelo para que focalizemos não tanto a penúria, a carência de uns e de outros, mas a generosidade de todos: apelo para que o sujeito vise o sujeito não como objeto de seus cuidados mas como sujeito também. Esta interpelação é mais do que inesquecível - instaura em nós o ingresso na subjetividade pela intersubjetividade, instaura a passagem para a humanidade de nós todos. Instaurou em Dona Léia o crescimento irresistível.

Um crescimento em que quis logo incluir a filha, desde pequena. A menina foi criada ajudando a mãe a ajudar - fora de casa. Cássia era trazida ao Clube de Mães, clube "sem" filhas, em que cada qual é mãe de mães. Em casa, não se tinha com quem deixar as filhas pequenas. Mas Dona Léia, ao trazer a menina consigo, faz mais do que vigiá-la:

(...) eu tinha uma menina pequena - ela foi criada lá dentro, me ajudando - eu levava ela pra me ajudar nesse trabalho.

Cássia. E ali eu fiquei. Surgiu o trabalho da gente. A gente trabalhava com as mães. Eu ensinava costura, eu ensinava assim o que eu sabia e aprendia também outras coisas, com quem sabia uma coisa diferente. E daí surgiu uma idéia - as mães, pra aprender a costurar, levavam muitas criança - daí surgiu a idéia da gente fazer um trabalho separado pras criança. Então, em vez de eu dar um dia de ajuda pras mães, a gente dava dois - e ia um dia com as mães, outro dia a gente ia com as criança.

A menina foi criada lá dentro, cresceu numa comunidade de dons, onde sua mãe também "cresceu". "Surgiu o trabalho da gente", que se quis então estender às crianças do Clube e, finalmente, do bairro: foi quando então surgiu o primeiro CJ no trecho São Jorge, Vila Joanisa.

Muita coisa falta ao mundo dos pobres. A pobreza rouba os materiais da cultura. O fundamento da cultura, entretanto, pode estar de pé: há gente ali, reunindo-se, recebendo-se. Os edifícios são precários, mas abrigam as iniciativas de sua reforma. A precariedade mesma dos prédios, paradoxalmente, pode valer provisoriamente como um bem: ajuda ver que o mais sólido, ali, é a companhia dos outros homens, visão essencial para o ânimo de fabricar bairros.

O poder humano é efeito da reunião não-violenta dos homens (Arendt, 1993). Se faltam poderes entre os pobres, isto não vale como sintoma congênito. A doença é política. A falta de poderes é sintoma da falta de reunião. Nada mais. E nada menos. Os pobres carecem de reunião. Também nós carecemos, na cidade dividida. Somos todos fracos fora da cidade igualitária: as cidades industriais alimentam-se da violenta força de se reproduzirem na desigualdade, sempre fracas para produzirem uma Cidade. Uma Cidade precisa de cidadãos - uma fábrica não produz cidadãos, produz mercadorias. Cidadãos não é coisa que se fabrica: cidadãos, reúnem-se. Reúnem-se na igualdade, na palavra, no poder repartido - quem sabe um dia, dentro da própria fábrica.

Os pobres não esperam pela riqueza para serem homens: esperam pelos homens que também esperam por eles. Desde então, lutam pelas casas e, quem sabe, ve-

nam a lutar pela natureza. Dependem de nós na mesma medida em que dependemos deles, na mesma medida em que os homens dependem dos homens para saberem-se humanos.

Digamos melhor: digamos que o homem pobre encontra-se mais do que qualquer outro homem na dependência da solidariedade inter-humana, de que todos dependemos. Mais do que qualquer outro, experimenta-se dependente. Pode alienar tal dependência e sonhar um dia, enriquecido, já não mais depender - é compreensível que aspire por tal libertação, uma vez que sua dependência do outro homem geralmente supõe sua servidão ao outro homem. A vida comunitária - altamente politizadora sob este aspecto - é o que ao mesmo tempo, pode manter nossa dependência inter-humana e recusar toda servidão.

A aguda dependência dos pobres carrega, paradoxalmente, uma chance - uma chance às vezes reconhecível na experiência comunitária: a de não recusar nossa dependência, ao mesmo tempo proibindo suas formas violentas. É a chance, justamente, de não alienar a dependência, transferindo-a para uma classe de homens subordinados. Os ricos, tão dependentes do trabalho de seus empregados, acreditam que são independentes. Os pobres estão, muitas vezes, melhor posicionados do que os ricos para resolverem o problema de nossa dependência, politizando-o. A formação de uma Cidade beneficia-se destes laboratórios, destas oficinas públicas e igualitárias, onde o direito do homem se impõe como dependente do outro homem. Tão diferente dos debates burgueses, em que só contam os direitos do indivíduo, do homem em isolamento.

** José Moura Gonçalves Filho é Prof. e Pesquisador no Dpto. de Psicologia Social do Trabalho/USP e Assessor dos Centros de Juventude na Vila Joanisa.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARENDETT, Hannah
(1993) *A Condição Humana*. Rio de Janeiro, Forense Universitária.
- BOSI, Ecléa
(1994) *Memória e Sociedade*. São Paulo, Companhia das Letras.
- BOSI, Ecléa
(1981) *Cultura de Massa e Cultura Popular: leituras de operárias*. Petrópolis, Vozes.